

A fonostilística na poesia de Cruz e Souza

The phonostylistics in the poetry of Cruz e Souza

Bruno Felipe Marques Pinheiro

Graduando de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de Iniciação Científica e participante do Grupo de Estudos em Leitura Literária (ELL).
E-mail: bpinnheiro@hotmail.com

Grasiele Santos Catete

Graduanda de Letras Vernáculas da Universidade Federal Sergipe. Bolsista de Iniciação Científica e participante do Grupo de Linguagem, Interação e Sociedade (Gelins).
E-mail: grasielesantoscetete@gmail.com

Lucas Santos Silva

Graduando de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de Iniciação Científica e participante do Grupo de Linguagem, Interação e Sociedade (Gelins).
E-mail: lucas_riachao@hotmail.com

Resumo: A presente pesquisa utiliza a Estilística Literária apenas como *corpus* para o estudo do poema “Violões que choram”, do poeta simbolista Cruz e Souza. A análise em questão dá foco para a questão da intuição do autor e da intuição atualizadora do leitor, retirando elementos expressivos, entretanto, analisando seu *corpus* segundo a Estilística Linguística, mais precisamente a sonora. O intuito desta análise é, por meio dos aspectos sonoros, perceber o estilo que o poeta Cruz e Souza traz para seu poema e o que sua linguagem expressa por meio das formas, ideias e sentimentos que vão individualizá-lo.

Palavras-chave: Estilística. Fonostilística. Cruz e Souza. Estilo.

Abstract: The present research uses Literary Stylistics only as corpus for the study of the poem "Violões que choram", by the symbolist poet Cruz e Souza. The analysis in question focuses on the intuition of the author and the updating intuition of the reader, withdrawing expressive elements, however, analyzing his corpus according to Linguistic Style, more precisely the sonorous aspect. The purpose of this analysis is, through the sound aspects, to perceive the style that the poet Cruz e Souza brings to his poem, and what his language expresses through the forms, ideas, and feelings that will individualize it.

Keywords: Stylistics. *Phonostylistics*. Cruz e Souza. Style.

1 Estilo e estilística: uma introdução

A estilística, embora fosse utilizada no século XIX, constitui-se como disciplina no início do século XX, mas os estudos voltados para a questão do estilo não datam desse período. Desde a Antiguidade Clássica, os filósofos gregos percebiam a

preocupação no que tange ao estilo de uma determinada obra de arte ou dos próprios textos que eram usados como meio para busca da razão.

Na Antiguidade, filósofos gregos, como Platão, em sua obra *A República*, já nos chamavam a atenção para a questão de dividir os mais variados estilos de obras, quando o filósofo constitui uma tripartição dos gêneros literários (lírico, épico e dramático). O que ele faz nada mais é do que perceber características em comum, e o estilo é uma delas:

- Ponhamos um fim quanto aos discursos. A seguir a isso, deve estudar-se a questão do estilo, em meu entender, e então teremos examinado por completo os temas e as formas.
- Mas – interveio Adimanto – não compreendo o que está a dizer.
- Ora, a verdade é que é preciso que compreendas – repliquei. (PLATÃO, 1949, p. 83, *grifos nossos*)

Por sua vez, Aristóteles, em sua obra *A Retórica*, traz a questão dos gêneros retóricos, cuja função era persuadir e argumentar sobre inúmeras questões que envolviam a sociedade grega. Conforme Uchôa (2013, p. 13), em seu *Estudos Estilísticos no Brasil*, a retórica se baseia em três noções principais:

[...] a da invenção (escolha das ideias), a da composição (disposição das ideias) e a do estilo (os tropos, ou seja, os meios de expressão particulares, selecionados pela natureza do discurso a pronunciar, de acordo com os temas, os objetivos e circunstâncias do que seria manifestado).

Séculos mais tarde, Mikhail Bakhtin (1992, p. 295) formula que “a utilização da língua se efetua em formas de enunciado (orais ou escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” e estabelece aspectos que constituem tal forma de comunicação, são eles: conteúdo temático, construção composicional e estilo. Vejam que, para Bakhtin, o estilo é importante e está ligado à individualidade.

Mattoso Câmara (1978, p. 91), em *Contribuição à Estilística Portuguesa*, define estilo como sendo “solução para se fazer a língua da representação intelectual servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica”. Percebe-se que, nesse ponto, há uma relação entre Bakhtin e Câmara, pois, se para o primeiro o estilo relaciona a individualidade do escritor, por sua vez, para o segundo, envolve um processo que faz parte da língua do nível psíquico, ou seja, para ambos, envolve um processo cognitivo individual, representando, por meio da escrita ou da oralidade, uma exteriorização.

Utilizando as palavras de Uchôa (2013, p. 12), a “estilística é uma disciplina cujo campo de investigação esbarra, logo de início, na conceituação de seu objeto de estudo, o estilo, e, portanto, na sua própria definição”. Possenti (2015) apresenta as principais teses citadas por Mattoso Câmara sobre estilística, estabelecendo características acerca do estilo.

A primeira tese diz que “o estilo é um traço da língua”, ou seja, cada língua (languae) possui uma característica própria e tem o seu estilo próprio. A segunda diz que “o estilo se caracteriza pelo contraste entre representação e emoção”, isto é, o estilo

de cada autor está interligado às suas emoções e uma subjetividade do outro que, por sua vez, transborda-se na obra. A quarta tese afirma que a “idiossincrasia não é estilo”, pois, quando o estilo somente se liga ao lado pessoal e não ao expressivo, não faz parte da estilística, uma vez que esta é expressividade. A quinta tese é “o estilo fruto de um desvio”, e essa ocorrerá quando o poeta ou o artista escolhe uma construção linguística diferente da variedade dita padrão e estabelecida por prestígio social na língua.

Uma das áreas da estilística é a dita Estilística Geral que, tomando como base o conceito apresentado por Emílio (2003), em *Panorama Evolutivo: Estilística e Estilo*, quando voltada para os estudos de Semino e Culpeper, distingue estilística literária da geral:

- 1) Abranger textos de diversas áreas como propaganda, reportagens de jornal, textos políticos, burocráticos, religiosos e conversação diária;
- 2) Ser dirigida à caracterização de diferentes estilos, tendo como suporte a linguística geral da variação.
- 3) Dar mais atenção ao papel do contexto em um estilo particular (SEMIO; CULTPEPER, *apud* EMÍLIO, 2003, p. 127)

Logo, a função da estilística geral parte do princípio de que o estilo deve ser compreendido a partir das variedades linguísticas em relação aos contextos particulares determinados pelas escolhas feitas pelo escritor ou falante da língua.

Diante desse panorama, percebemos que o estilo, como afirma Bechara (2009, p. 615), “é o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo”. Logo, o estilo é de suma importância desde os tipos de discurso ou até mesmo os gêneros, sejam de cunho literário ou mesmo retórico. É no século XX que o estilo, como objeto de estudo, constitui-se, enquanto ciência, na Estilística.

2 A estilística do som

A presente pesquisa pretende utilizar a Estilística Literária somente como *corpus* para o estudo do poema “Violões que choram”, do poeta simbolista Cruz e Souza. É interessante transcrever o que Uchôa (2013, p. 15) diz em relação à Estilística Literária, parafraseando Dámaso Alonso: “para ele, a compreensão da obra literária depende essencialmente da intuição, da intuição criadora do autor e da intuição atualizadora do leitor, podendo-se, no entanto, estudar cientificamente os elementos expressivos presentes na linguagem”.

A análise em questão dará foco à questão da intuição do autor e da intuição atualizadora do leitor, retirando elementos expressivos, entretanto, analisando seu *corpus* segundo a Estilística Linguística, pois, como afirma Mattoso Câmara (1978, p. 24), “é o balanço dos procedimentos expressivos, em geral, de uma língua, independentemente dos indivíduos que dela se servem”. É por meio da Estilística da Língua que a análise se fundamentará, realçando todos os aspectos expressivos do poema e entendendo como a estrutura é elaborada.

Para refinar mais ainda nossa análise, somente perceberemos aspectos expressivos no que tange aos aspectos sonoros, isto é, Estilística do Som, esta

[...] também chamada de fonoeestilística, trata dos valores expressivos de natureza sonora observáveis nas palavras e nos enunciados. Fonemas e prosodemas (acento, entoação, altura, ritmo) constituem um complexo sonoro de extraordinário importância na função emotiva e poética (MARTINS, 2008, p. 47).

Dessa forma, o intuito desta análise é, por meio dos aspectos sonoros, perceber o estilo que o poeta Cruz e Souza traz para seu poema e o que sua linguagem expressa por meio das formas, das ideias e dos sentimentos que vão individualizá-la e se tornar expressão.

3 Os sons de Cruz e Souza

Neste primeiro momento, devemos deixar claro que não será o nosso intuito realizar uma análise literária, mas sim uma análise estilística. Para isso, devemos recordar as palavras de Evanildo Bechara (2009, p. 616), em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, quando se refere ao Estilo, recordando as palavras de Amado Alonso: “não há de se confundir análise literária com análise estilística, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas”.

Como *corpus* para nosso estudo, analisaremos um trecho do poema “Violões que choram”, do poeta Cruz e Souza, considerado o mais importante poeta simbolista e um dos maiores poetas nacionais de todos os tempos, cuja obra completa é bem conhecida territorialmente. Marcada pela inclinação filosófica e metafísica, sua obra poética representa diversidade, riqueza e uma tendência a temas abstratos, razões essas que o caracterizam como simbolista. Também tem uma inclinação meditativa e filosófica, trabalhando principalmente com símbolos.

Abaixo segue o trecho para uma análise estilística sonora:

Violões que Choram
 Vozes veladas, veludosos vozes,
 Volúpias dos violões, vozes veladas
 Vagam nos velhos vórtices velozes
 Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.
 Tudo nas cordas dos violões ecoa.
 E vibra e se contorce no ar, convulso...
 Tudo na noite, tudo clama e voa
 Sob a febril agitação de um pulso.
 (CRUZ e SOUSA, 1995, p. 50)

Na análise que faremos a partir de agora, interessam-nos os traços estilísticos sonoros que constituem o poema “Violões que choram”, ressaltando o caráter expressivo do poema e sua eficácia estética no uso da língua portuguesa, uma vez que Cruz e Souza é um poeta brasileiro.

O primeiro ponto que destacamos é a matéria fônica, aqui constituída pela função expressiva que o poema possui como consequência das particularidades da articulação dos fonemas, chamando a atenção para o uso das aliterações, recurso sonoro para repetição de segmentos consonantais, principalmente para o fonema /v/.

Como Bally (1941) nos orienta, os fonemas apresentam potencial expressivo de acordo com a natureza da articulação. O fonema /v/ é caracterizado pela produção de sopro. Tal repetição, no poema, corrobora com seu conteúdo temático, constituído por “Violões que choram”, ou seja, uma metáfora. Os violões não choram literalmente, mas sim sopram, eis o recurso metafórico, por ser um instrumento musical, o uso das notas constitui melodia e ritmo, não só internamente entre os vocábulos, mas isso se transpõe também para o poema,

[...] adaptando a explicação dada por Morier para o vocábulo francês siffle ao nosso assobio, podemos dizer que as noções de ruído agudo, de produção de sopro e de nota aguda encontradas no significado, correspondem à consoante de ruído agudo [s], ao fonema produtor de sopro [v], e à vogal de nota aguda [i] do significante. (MARTINS, 2008, p. 47)

Percebemos que todas as palavras dos três primeiros versos são iniciadas com o fonema /v/. Isso reforça a ideia da vibração das cordas do violão. Além do uso da articulação que o leitor utiliza ao ler o poema (o timbre, a duração e a intensidade), todos os recursos prosódicos influenciam na função expressiva do texto literário.

Conforme Martins (2008), a aliteração é definida como repetição insistente dos mesmos segmentos consonantais, os quais podem ser iniciais ou integrantes da sílaba tônica ou distribuídos mais irregularmente em vocábulos próximos. Esse recurso traz uma ideia de musicalidade ao poema que faz o leitor relacionar essa repetição de /v/ diretamente ao tema do poema, reproduzindo o aspecto de música/som produzido pelos violões e pelas vozes que os acompanham.

Outro recurso utilizado são as assonâncias, uso repetitivo de segmentos vocálicos. Percebemos que, no trecho “Violões que Choram / Vozes *veladas, veludas* vozes, / Volúpias dos violões, vozes *veladas* / Vagam nos *velhos vórtices velozes* / Dos ventos, *vivas, vãs, vulcanizadas*” (CRUZ e SOUZA, 1995, p. 50), há uma predominância dos fonemas /o/ e /e/. A utilização desses fonemas não é por acaso. Conforme Walter Porzig, citado por Martins (2008), na seção “Estilística do Som” de sua obra *Introdução à Estilística*, existe uma distinção entre a neutralização ser um caráter arbitrário do som linguístico por três aspectos: o primeiro pela imitação sonora, o segundo pela transferência sonora e o último por correspondência articulatória.

Interessa-nos, neste momento, somente a correspondência articulatória, pois o uso das aliterações e das assonâncias resulta em uma correspondência entre os movimentos articulatórios da produção de som. Prova disso é uma articulação labiodental, o uso do fonema /v/ e seu correspondente /f/, diferenciam-se somente por uma questão de vozeamento. E aqui esses fonemas imitam instrumentos musicais

como próprio violão¹ ou a flauta, dando um valor expressivo dos seus vocábulos em todo o poema, caracterizando o som abstrato dos violões.

Já nas assonâncias, a utilização da articulação média-alta arredondada [o] e alta [u] dá a ideia de redondez, isso pode ser corroborado pela forma de violões. A assonância dos segmentos vocálicos [o] e [u] traz um aspecto de obscuridade ao poema, nos remetendo à noite, às festas feitas ao som dos violões e das violas, as “serestas” e até um traço de sexualidade. Quando o poeta traz palavras como “veludas vozes, volúpias dos violões, febril agitação de um pulso” (CRUZ e SOUZA, 1995, p. 50), esses trechos podem ser associados a metáforas do corpo feminino, da maciez da pele, das curvas e do desejo sexual em si.

Além da repetição de vogais e consoantes, temos também a repetição da palavra “vozes”:

*Vozes veladas, veludas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.
(CRUZ e SOUSA, 1995, p. 50)*

Repetem-se em versos diferentes ou até mesmo no próprio verso, causando no leitor uma sonoridade ainda maior e sugerindo a ideia da relação com os sons do poema e o instrumento musical representado, assim, ajudando o leitor a interpretar a poesia de Cruz e Souza e a relacionar com os elementos abstratos, como vozes, violão e notas musicais, exemplos esses próprios do ideal simbolista.

4 O estilo fônico de Cruz e Souza

Percebemos, diante da análise feita, alguns aspectos e características que nos revelam um jeito próprio de Cruz e Souza. Podemos fundamentar nossas impressões em alguns críticos literários do próprio poeta, como Alfredo Bosi (2006), em *A História concisa da Literatura Brasileira*, que revela seu estilo.

Um primeiro aspecto que nos chama a atenção é o poder expressivo que a obra poética de Cruz e Souza tem. Bosi (2006, p. 270) afirma que o poeta simbolista “renova a expressão poética em língua portuguesa”. Isso se interliga com o uso exacerbado dos recursos sonoros na estética simbolista, pois tal período literário carrega consigo marcas simbólicas e um pensamento que transborda o material.

Um segundo aspecto revelado no trecho analisado no estilo de Cruz e Souza é uma transfiguração do mundo real para o mundo imaterial, sublimado por meio do uso dos recursos fônicos, e uma forte apelação ao abstrato, ao invisível, mas que pode ser audível.

Isso pode ser confirmado no trecho analisado quando o poema nos traz a sonoridade e a musicalidade: esses recursos vão além do seu próprio uso, desde o título “Violões que Choram” até o último verso. Existe uma relação entre matéria e

¹ Os violões funcionam com a vibração de suas cordas, assim como as vozes humanas.

espírito, de modo que tal característica torna-se uma marca de estilo do autor, por isso o uso de elementos fônicos que dão a ideia de obscuridade e ventos, mas que tais elementos são transpostos para o ser humano, como afirma Bosi (2006, p. 270), “mas um poeta como Cruz e Souza, que se vê dilacerado entre matéria e espírito, dará a palavra a tarefa de reproduzir a sua própria tensão e acabará acusando os limites expressivos do verbo humano”.

A expressividade no poema, causada pela relação entre abstrato e humano, pode ser notada, no poema analisado, quando nos remetemos a um músico tocando uma bela canção de amor, fazendo seu instrumento “chorar”, transpondo seus sentimentos, até os versos que buscam sempre associar essa canção às vozes dos tocadores, aos versos, à seresta, às formas do violão e até um possível envolvimento amoroso/sexual com uma mulher.

Por fim, esse terceiro aspecto pode nos levar a mais uma marca de estilo do autor, o apelo pela sensualidade, provocado pela forma do violão, lembrando as curvas de uma dada mulher.

Referências

BAKTHIN, Mikhail. Gêneros do Discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [original do russo de 1979].

BALLY. *El Language y la vida*. Buenos Aires: Lousada, 1941.

BECHARA, Evanildo. *Gramática Moderna Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CÂMARA, Mattoso J. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CRUZ e SOUSA. *Poesias completas de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995, p.50-53.

EMILÍO, Aline. Panorama evolutivo: estilística e estilo. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 3, n. 2, jan/jun 2003 (p. 121-134).

MARTINS, Nilce Sant’Anna. A estilística do som. In: _____. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 4. ed. rev. São Paulo: Edusp, 2008 (p. 45-96).

PLATÃO. *A República*. 10. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949 (p. 265-359).

POSSENTI, Sírio. Notas sobre Estilística de Mattoso Câmara. In: *Estudos de Lingua(gem)*, Mattoso Câmara e os estudos linguísticos no Brasil, Vitória da Conquista, n. 2, dez. de 2015 (p. 79-93).

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. Estudos Estilísticos no Brasil. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 32, jan/jun, 2013.